

Os possessivos em português europeu e português brasileiro unidade e diversidade*

Ana Castro

Universidade Nova de Lisboa

0. Introdução

Este trabalho pretende apresentar os vários aspectos de unidade e diversidade entre o Português Europeu e o Português Brasileiro quanto à sintaxe dos possessivos.

O ponto de partida foram os trabalhos de Cerqueira (1993, 1996) e Müller (1997), sobre os possessivos em Português Brasileiro, e ainda os artigos de Brito (1999a, 1999b) em que a autora compara alguns aspectos da sintaxe das duas variedades do Português, Português Europeu e Português Brasileiro, entre os quais a sintaxe dos possessivos. Ao longo deste artigo confrontar-se-ão as idéias e propostas contidas nesses trabalhos, acrescentando ainda outros dados não discutidos pelos autores citados.

Serão abordados os seguintes tópicos: na secção 1, o paradigma dos possessivos; na secção 2, as estratégias de possessivação nominal – possessivos simples e preposicionados; na secção 3, a distribuição dos possessivos pré-nominais e pós-nominais; na secção 4, a alternância entre as formas *seu(s)* e *dele(s)*; na secção 5, alguns casos de posse inalienável, em que o possessivo é foneticamente nulo; e na secção 6, a presença e a ausência de artigo definido com possessivos pré-nominais.

Por fim, na secção 7, e resumindo os argumentos apresentados ao longo de todo o texto, concluiremos que são mais os pontos de unidade que de diversidade entre as duas gramáticas relativamente à sintaxe dos possessivos.

1. O paradigma dos possessivos

Os paradigmas do Português Europeu (doravante PE) e do Português Brasileiro (doravante PB) são respectivamente os apresentados em (1) e (2).

* Este trabalho foi realizado no âmbito de um plano de Doutoramento subsidiado pelo Programa Praxis XXI da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (BD 21603/99).

(1) paradigma dos possessivos em PE

P1	meu		P4	nosso	da gente
P2	teu-seu	de você	P5	vosso	de vocês
P3	seu	dele	P6	seu	deles

(2) paradigma dos possessivos em PB – adaptado de Cerqueira (1993) e Müller (1997)

P1	meu		P4	nosso	da gente
P2	seu	de você ¹	P5	seu	de vocês
P3	seu	dele	P6	seu	deles

Estes dois paradigmas diferem do apresentado por Cunha e Cintra (1984): introduzem formas preposicionadas e, para P2, a forma *seu*, que em PE aparece paralela à forma *teu*, marcando dois níveis de língua, e em PB substitui *teu*.

(3) paradigma dos possessivos do Português – Cunha e Cintra (1984)

P1	meu	P4	nosso
P2	teu	P5	vosso
P3	seu	P6	seu

Cerqueira (1993) justifica a reestruturação do paradigma dos possessivos em PB como consequência da mudança no sistema pronominal – a substituição quase total de *tu* por *você* que Silva (1991) situa no século 18 – e da consequente redução do sistema verbal.

(4) paradigma verbal do PB – Cerqueira (1993)

persona semântica	persona sintáctica		persona semântica	persona sintáctica	
P1	P1	eu canto	P4	P3	a gente canta
P2	P3	você canta	P5	P6	vocês cantam
P3	P3	ele canta	P6	P3	o pessoal canta

No quadro (4), observa-se que o PB, para 6 pessoas tem apenas 3 distinções de concordância: P1, P3 e P6. Foi eliminada a concordância de 2ª pessoa; P2 (*cantas*) e P5 (*cantais*) foram substituídas por concordância de 3ª pessoa, respectivamente singular (P3) e plural (P6).

¹ Müller (p.c.) considera *de você* pior que *de vocês*; segundo a autora, *você* já se tornou um pronome com caso nominativo e *vocês* ainda não. Também em PE parece ser mais fácil aceitar *da gente* e *de vocês* que *de você*.

É nas pessoas em que se perdeu a flexão verbal, reanalisadas com concordância de 3ª pessoa, que se dá também a reestruturação das formas possessivas, passando a admitir formas preposicionadas.

Também em PE, a reestruturação do paradigma dos possessivos parece ser consequência da alteração do paradigma verbal.

(5) paradigma verbal do PE

peessoa semântica	peessoa sintáctica		peessoa semântica	peessoa sintáctica	
P1	P1	eu canto	P4	P4 P3	nós cantamos a gente canta ²
P2	P2	tu cantas	P5	P5	(vós cantais)
	P3	você canta		P6	vocês cantam
P3	P3	ele canta	P6	P6	eles cantam

A 2ª pessoa do singular (P2) apresenta duas formas, correspondentes a dois níveis de língua, com concordâncias diferentes: uma, a forma “da intimidade” (*tu*) níveis de língua, com concordâncias diferentes: uma, a forma “da intimidade” (*tu cantas*); outra, a forma “de tratamento que mantém a concordância gramatical P2 (*tu cantas*); outra, a forma “de tratamento de igual para igual” (*você*) e a forma “de cortesia” (como *o senhor*) com concordância gramatical P3 (*você/o senhor canta*) – Cintra (1972:14).

A 2ª pessoa do plural *vós*, pelo menos na região sul do país, foi já reestruturada para *vocês*, ou outras formas de tratamento (*os senhores*), com concordância gramatical P6 (*vocês cantam*).

2. O possessivo simples e o possessivo preposicionado

Como se observa nos quadros (1) e (2), tanto o PE como o PB utilizam duas estratégias para a possessivação nominal: possessivos simples e possessivos preposicionados, introduzidos pela preposição *de* que rege um pronome pessoal ou uma forma de tratamento.

O possessivo simples manifesta concordância com o possuidor, em pessoa e número, e com o possuído, em género e número.

(6) meu (livro) [[1Sg]-[M-Sg]]

O possessivo preposicionado manifesta unicamente os traços de concordância do possuidor, pessoa, género e número.

² A *gente* desencadeia paralelamente uma concordância “ad sensum”, semântica, de P4, *a gente vamos* – Brito (1999a, 1999b). Esta concordância é também referida para o PB – Cerqueira (1993).

(7) (livro) *d-ele* [3Sg-M]

Esta construção perifrástica *de* + pronome pessoal ou forma de tratamento tem comportamento semelhante à construção de complemento de nome com um DP pleno (nominal e não pronominal).

(8) a. (livro) *dele*b. *de vocês*(9) a. (livro) *do João*b. *de um rapaz que eu conheço*

O quadro (10) resume as possibilidades de expressão de um “argumento” com a interpretação de possuidor, em possessivo simples ou preposicionado, dependendo da pessoa semântica e da correspondente pessoa sintáctica.

(10) estratégias de possessivação para possessivo “possuidor” – quadro adaptado de Müller (1997:112)

pessoa semântica	pessoa sintáctica	possessivo preposicionado		possessivo simples
P1	P1	livro *de mim	livro *de eu	meu livro
P2	P2	livro *de ti	livro *de tu	teu livro
P2	P3		livro de você (?)	seu livro
P3	P3		livro <i>dele</i>	seu livro
P4	P4		livro *de nós	nosso livro
P4	P3		livro da gente	
P5	P6		livro de vocês	seu/vosso livro
P6	P6		livro <i>deles</i>	seu livro

A estratégia de possessivo preposicionado só está disponível para as pessoas com acordo sintáctico de 3ª pessoa, apesar de estas poderem, semanticamente, expressar 2ª pessoa, como as formas em sombreado. As pessoas sintácticas *eu/nós* e *tu* (1ª e 2ª) não admitem as formas preposicionadas, tanto no caso recto como no caso oblíquo.

Já quando o possessivo não expressa posse, é possível a construção com o possessivo preposicionado também para a 1ª e 2ª pessoas, com o pronome no caso oblíquo.

(11) a. Tenho saudades tuas_{Tema}.b. Tenho saudades de ti_{Tema}.

3. A distribuição dos possessivos: pré-nominais e pós-nominais

O possessivo preposicionado é sempre pós-nominal, como qualquer complemento de nome introduzido pela preposição *de*.

- (12) a. Vi o livro dele/de História em cima da mesa.
 b. *o dele/de História livro
- (13) a. Vi um livro dele/de História em cima da mesa.
 b. *um dele/de História livro

O possessivo simples pode ser pré-nominal (PR) ou pós-nominal (PO).

3.1. O possessivo simples pré-nominal

O possessivo simples é PR quando o sintagma nominal que integra é definido e PO quando o sintagma nominal que integra é indefinido³.

Esta distribuição é observada também noutras línguas, como o Francês e o Inglês (Zribi-Hertz 1998a, 1998b).

Assim, são sintagmas nominais com interpretação definida e com possessivo PR sintagmas nominais com artigo definido (14), com o quantificador universal *todos*, que em Português coocorre com o artigo definido⁴ (15), e sintagmas nominais partitivos, nos quais também ocorre o artigo definido (16).

- (14) a. Vi (o) meu livro em cima da mesa.
 b. *(o) livro meu⁵
- (15) a. Vi todos (os) meus livros em cima da mesa.
 b. *todos (os) livros meus
- (16) a. Vi uns dos meus livros em cima da mesa.
 b. *dos livros meus

³ Neves (1993) encontra 98,96% ocorrências de possessivo anteposto com artigo definido ou sem determinante contra 1,04% de possessivo anteposto com outros elementos (ordinais, quantificadores indefinidos, *outro*, *próprio*). Franchi (1996) encontra percentagens semelhantes com o possessivo anteposto: 98,26% com artigo definido ou nulo contra 0,09% com artigo indefinido (apenas 1 ocorrência) – dados citados em Müller (1997).

⁴ Haspelmath (1997) refere que, como regra, os sintagmas nominais universalmente quantificados são semanticamente definidos, mesmo quando não marcados assim em línguas que têm artigo definido.

⁵ Brito (1999b) aponta como uma das diferenças entre o PE e o PB, a possibilidade de posposição do possessivo com artigo definido em PB e não em PE. No entanto, Neves (1993) encontra, no corpus que estudou, 251 ocorrências de artigo definido com possessivo anteposto ao nome (mais 130 sem artigo) contra apenas 2 ocorrências de artigo definido com possessivo posposto ao nome – dados citados em Müller (1997). Uma percentagem tão reduzida (0,7%) não permite considerar esta construção produtiva.

3.2. O possessivo simples pós-nominal

Nos sintagmas nominais com interpretação indefinida, o possessivo é PO: com artigo indefinido (17), numeral (18), interrogativo⁶ (19), expressões de quantidade⁷ (20-21), o quantificador universal distributivo *todo* (22), “pronomes/determinantes de identidade”⁸ (23-24), com elementos como *nenhum* (25), *certos* (26), *vários* (27), *tantos* (28), quando o sintagma nominal é um plural sem artigo⁹ (29) ou tem um nome massivo (30).

- (17) a. Vi um livro meu em cima da mesa.
*um meu livro
- (18) a. Vinte livros meus estão em cima da mesa.
b. *Vinte meus livros
- (19) a. Que/Quantos livros meus viu o João em cima da mesa?
b. *Que/*Quantos meus livros
- (20) a. O João viu algum livro meu em cima da mesa?
b. *algum meu livro
- (21) a. O João viu muitos/poucos livros meus em cima da mesa.
b. *muitos/*poucos meus livros
- (22) a. Todo e qualquer livro meu é interessante.
b. *Todo e qualquer meu livro
- (23) a. Vi outro livro meu em cima da mesa.
b. *outro meu livro em cima da mesa.
- (24) a. O mesmo livro meu que tu viste, o João também viu.
b. *O mesmo meu livro
- (25) a. Não vi nenhum livro meu em cima da mesa.
b. *nenhum meu livro
- (26) a. Vi certos livros meus em cima da mesa.
b. *certos meus livros
- (27) a. Vi vários livros meus em cima da mesa.
b. *vários meus livros em cima da mesa.
- (28) a. Vi tantos livros meus em cima da mesa!
b. *tantos meus livros
- (29) a. Vi livros meus em cima da mesa.(= uns livros meus)
*meus livros¹⁰

⁶ Segundo Cunha e Cintra (1984), estão “estritamente ligados aos indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada”.

⁷ “Mid-scalar quantifiers” – Haspelmath (1997).

⁸ Traduzido de “identity pronouns/determiners” – Haspelmath (1997).

⁹ Em inglês “bare plural”.

¹⁰ Em PB que admite determinante nulo com possessivo pré-nominal, esta frase é interpretada como definida.

No que respeita à relação da definitude com os possessivos e a posição que estes ocupam no sintagma nominal, Borges Neto (1978, 1986) fala em delimitação vs. predicção. O autor refere que o possessivo PR tem um valor delimitativo (semelhante ao dos artigos, demonstrativos e quantificadores); delimita, além de predicar, a classe determinada pelo nome. O possessivo PO tem um valor apenas predicativo (semelhante ao dos adjetivos), sendo a delimitação realizada pela presença de quantificadores ou do artigo indefinido; tem o valor de um predicado aplicado ao nome.

Müller (1997:146) subscreve também esta idéia: «o pronome possessivo anteposto ao núcleo é argumental (sintacticamente, um sujeito ou um complemento) [...], ocupando uma posição típica de operadores; já o pronome possessivo posposto ao núcleo é um predicado com a função sintáctica de adjunto.» Segundo a autora, o possessivo é gerado na base numa posição de adjunção ao núcleo nominal; no caso do PR, move-se para uma posição externa ao SN; o movimento é gerado pelo traço opcional [+operador].

4. *Seu(s)* vs. *dele(s)*: substituição ou especialização

Como vimos na secção 2, o Português admite para a 3ª pessoa tanto a forma de possessivo simples *seu(s)* como a forma de possessivo preposicionado *dele(s)*.

Uma questão, discutida já para o PB por alguns autores, é a de que espaço têm as duas formas no sistema da língua: estará *dele(s)* a substituir *seu(s)* ou serão as duas formas complementares?

Cerqueira (1993,1996) fala num processo de substituição¹⁵ motivado pelo enfraquecimento da concordância (Agr) e em particular a perda do traço de [+pessoa] da flexão nominal: *seu(s)* tem Agr suficientemente especificado para pessoa; *dele(s)* tem Agr não suficientemente especificado para pessoa.

Este enfraquecimento geral de Agr teria tido consequências também na redução das oposições no paradigma flexional, no crescente preenchimento do sujeito e uso de objecto nulo e na redução do sistema de clíticos¹⁶.

Por outro lado, Müller (1997), baseando-se num estudo de *corpora*, contraria esta idéia e defende que a relação entre *seu(s)* e *dele(s)* é de complementaridade.

A autora parte de um estudo de Almeida (1993) sobre um corpus de língua falada, NURC (*Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil*) de São Paulo, da década de 70, que faz o levantamento de todas as ocorrências das formas possessivas de 3ª pessoa *seu(s)* e *dele(s)*, correlacionando-as com os seus sintagmas nominais antecedentes; foram encontradas 44,2% de formas simples *seu(s)* e 55,8% de formas preposicionadas *dele(s)*. Não se pode falar, então, pelo menos nesta década, cerca de 10 anos antes do trabalho de Silva (1984), de extinção da forma simples *seu(s)* no discurso oral.

¹⁵ Assume que a forma *dele* está completamente estabelecida na oralidade e refere Silva (1984) que indica *dele* como a forma preferida no discurso oral (75%) por oposição ao escrito (14,1%).

¹⁶ V. estudos em Roberts & Kato (1993).

Segundo Müller (1997), *seu(s)* ocorre com antecedentes nominais genéricos ou quantificados, e *dele(s)* com antecedentes nominais referenciais.

O que se passa na língua, então, para a autora, é uma especialização de formas: *seu(s)* é a forma lexical escolhida para funcionar como variável ligada (36-37) e *dele(s)* a forma escolhida para expressar correferência.

- (36) a. [O(s) ser(es) humano(s)] tem/têm que conhecer as suas limitações.
b. O(s) ser(es) humano(s) tem/têm que conhecer as limitações ?dele(s).

- (37) a. [Cada indivíduo] realiza o seu teste.
b. Cada indivíduo realiza o teste *dele. (exemplo de Müller 1997:63)

Relativamente ao PE, e seguindo os argumentos de Cerqueira, podíamos pensar num processo de substituição uma vez que há evidências em PE de redução do sistema verbal, redução do paradigma de concordância, que favorece a ocorrência de sujeito expresso¹⁷ e redução do clítico acusativo¹⁸.

Brito (1999a, 1999b) refere semelhanças entre as variantes orais do PB e PE relativamente a alguns fenómenos, nomeadamente a substituição, cada vez mais frequente, de *(nós) vamos* por *a gente vai*, com sujeito lexicalmente realizado.

Estudando, no entanto, um pequeno corpus juvenil¹⁹, foram encontradas 7 formas de possessivo de 3ª pessoa: 4 formas de possessivo *seu(s)* e 3 de genitivo *dele(s)*. Neste corpus, a forma simples até supera em número de ocorrências a forma preposicionada.

Quanto à distribuição destas formas relativamente aos antecedentes (v. quadro 38), os dados corroboram as conclusões de Müller (1997): *dele(s)* só tem como antecedente sintagmas nominais referenciais (39a, 40a, 41a); *seu(s)* tem como antecedente sintagmas nominais genéricos (44a), quantificados (45a), e também referenciais (42a, 43a).

¹⁷ O sujeito é obrigatoriamente expresso com *a gente*. Com *você* e *vocês* (P2 e P5), o sujeito pode ser nulo e recuperado da situação de conversação ou ser substituído por outras formas de tratamento como *o(s) senhor(es)*.

¹⁸ É possível ouvir frases como estas:

- (i) Eu vi ele.
(ii) Estás a atender ela. (frases atestadas)

¹⁹ O pequeno corpus usado (cerca de 15 mil palavras) é constituído por cartas produzidas por jovens do 7º e 8º anos de escolaridade; são cartas fictícias que os alunos escreveram a um jovem timorense convidando-o a passar uma temporada em suas casas durante os conflitos que se seguiram ao referendo em Timor-Leste, em Agosto e Setembro de 1999. Apesar de serem textos escritos, revelam muitas marcas de oralidade (grafia "fonética", segmentação de palavras não ortográfica), parecendo, por isso, fiáveis para serem usados como indicadores de tendências da oralidade do PE, até pela faixa etária que representam.

Este pequeno corpus é uma subparte do *Corpus Informatizado de Composições Juvenis* (projecto em curso no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa) que inclui produções de alunos do 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos de escolaridade), correspondendo a idades entre os 11/12 anos e os 15/16, da Benedita, distrito de Leiria.

(38) possessivos de 3ª pessoa e seus antecedentes encontrados no Corpus Informatizado de Composições Juvenis (CLUNL)

antecedente	seu(s)	dele(s)
SN referencial	2	3
SN genérico	1	–
SN quantificado	1	–
total	4	3

Testando a equivalência entre *seu(s)* e *dele(s)*, observamos que *dele(s)*, com antecedente referencial, é substituível por *seu(s)*, mas *seu(s)* não é substituível por *dele(s)* quando o antecedente é genérico ou quantificado (v. as alíneas b).

- (39) a. [A minha terra] é muito pequenina, mas pelo menos o ar é puro, pois maior parte **dela** é mato.
 b. a **sua** maior parte
- (40) a. ir para casa d[a minha avó] para vermos as coisas mais antigas que ela tem lá em casa **dela**
 b. em **sua** casa
- (41) a. Visitar [as várias grutas abandonadas] por lá (mas, não sei o nome **delas**)
 b. o **seu** nome
- (42) a. A minha mãe diz que a culpa não é toda dos Portugueses no **seu** entender os portugueses foram “despejados” do teu país, mas agora os Indonésios querem é pôr-nos a culpa em cima
 b. no entender **dela**
- (43) a. Aposto que ias adorar [a minha aldeia]: não tem muito movimento, a maior parte dos **seus** habitantes é da minha família
 b. a maior parte dos habitantes **?dela**
- (44) a. só guerra por todos os lados, mortos, feridos e [criancinhas] a chorar sem a **sua** família é uma tristesa haver pessoas com tão mau caracter comos as melicias a cima da terra.
 b. criancinhas a chorar sem a família ***delas**
- (45) a. [Cada coisa] tem a **sua** beleza, mas nem todos podem vê-la
 b. Cada coisa tem a beleza ***dela**

Há ainda outro elemento a ter em conta relativamente à forma *dele(s)*: o pronome pessoal *ele* parece ser especificado com um traço [+humano] ou, pelo menos, [+animado], uma vez que, como se observa na frase em (45), é estranho substituir *seus* por *delas*, ainda que o sintagma nominal antecedente seja referencial (*a minha aldeia*) porque é não humano e não animado.

5. O possuidor nulo e restrições de correferência

O Português permite uma construção com o artigo definido em “função possessiva” com algumas classes de nomes: partes do corpo, faculdades do espírito, roupas, nomes de parentesco e outros nomes relacionais e objectos pessoais²⁰. Nesta construção, a construção de posse inalienável, o artigo definido combina-se directamente com o nome e o possessivo lexical está excluído. No entanto, a referência do possessivo é recuperada de um sintagma nominal anterior na oração.

Assumiremos que, neste tipo de sintagmas nominais, existe um elemento possessivo nulo foneticamente, mas que ocupa a posição do seu correspondente lexical sendo ligado por um outro sintagma nominal que lhe “passa” a sua referência.

Em (46), com um nome de parte de corpo, é o sujeito que liga o elemento possuidor nulo, seja com um sujeito de 1ª pessoa (46a), um sintagma nominal quantificado (46b) ou 3ª pessoa (46c).

- | | |
|--|-------------------|
| (46) a. Eu lavei as mãos antes de jantar. | (=as minhas mãos) |
| b. Cada criança lavou as mãos antes de jantar. | (=as suas mãos) |
| c. O João lavou as mãos antes de jantar. | (=as mãos dele) |

Com nomes relacionais (de parentesco e outros como *amigo*, *namorado*, *patrão...*), contudo, parecem haver algumas restrições à correferência, dependentes, por um lado, da pessoa ou tipo de sintagma nominal antecedente e, por outro, da (in)definitude do sintagma nominal em que se inclui o nome relacional.

Em (47), com um nome como *amigo* num sintagma nominal definido, a interpretação ligada só é possível com um sujeito de 3ª pessoa, sendo impossível com um sujeito de 1ª (e 2ª) pessoa ou sintagma nominal quantificado.

- | | |
|--|---------------------|
| (47) a. Eu levei o amigo à festa. | (não 'o meu amigo') |
| b. Cada criança levou o amigo à festa. | (não 'o seu amigo') |
| c. O João levou o amigo à festa. | (=o amigo dele) |

Quando *amigo* integra um sintagma nominal indefinido, introduzido pelo artigo indefinido (48) ou um plural sem artigo (49), a interpretação ligada é possível com todos os tipos de sujeito: de 1ª (e 2ª) pessoa, um sintagma nominal quantificado e 3ª pessoa.

- | | |
|---|------------------|
| (48) a. Eu levei um amigo à festa. | (=um amigo meu) |
| b. Cada criança levou um amigo à festa. | (=um amigo seu) |
| c. O João levou um amigo à festa. | (=um amigo dele) |

²⁰ V. por exemplo Spanoghe (1995).

- (49) a. Eu levei amigos à festa. (=amigos meus)
 b. Cada criança levou amigos à festa. (=amigos seus)
 c. O João levou amigos à festa. (=amigos dele)

O que se observa, nestes exemplos, e considerando o que foi mostrado relativamente à posição dos possessivos na secção 3, é que o possuidor nulo ligado pelo sujeito só o pode ser a uma posição pós-nominal.

Vejam os que acontecem, então, com 1ª e 2ª pessoa – *a gente* e *você(s)* – em que é possível o possessivo preposicionado PO *da gente* e *de você(s)*.

- (50) a. A gente comprou um presente para o amigo. (não 'o amigo da gente')
 b. Vocês compraram um presente para o amigo. (não 'o amigo de vocês')

Nestes casos, a correferência é impossível. Isto parece contradizer a observação feita anteriormente, mas, como observa Mennuzzi (2000), *a gente* e *você(s)* também admitem possessivo pré-nominal. E nestes casos, de possessivo nulo, seria essa a posição, por defeito, do possessivo.

- (51) a. A gente comprou um presente para o nosso amigo.
 b. Vocês compraram um presente para o seu/vosso amigo.

Assumindo a proposta de Müller (1997) de que o possessivo PR está numa posição argumental, de sujeito e o possessivo PO está numa posição não argumental, de adjunto, o contraste que se observa é o de que a correferência/ligação é impossível a uma posição argumental e possível a uma posição não argumental.

6. O possessivo pré-nominal com e sem artigo definido

Em posições argumentais, o possessivo simples PR tem artigo definido obrigatório em PE e opcional²¹ em PB (52). O mesmo padrão se observa com os nomes próprios (53).

- (52) a. Li *(o) teu livro ontem. PE
 b. Li (o) teu livro ontem. PB
 (53) a. *(O) João veio visitar-me. PE
 b. (O) João veio visitar-me. PB

O mesmo não se observa com o possessivo preposicionado.

²¹ É preciso avaliar que tipo de "opcionalidade" é esta. Embora sem estudos de corpora que o confirmem, a variação parece-nos regional. O PB parece ter, pelo menos, dois dialectos regionais que divergem neste ponto.

(54) *(O) livro dele está em cima da mesa. PE/PB

Com possessivo simples PR e com nomes próprios, o artigo definido é expletivo. No primeiro caso, é a própria posição do possessivo que marca a sua definitude, e não a presença do artigo definido; no caso do nome próprio, é, ele mesmo, que é referencial e definido, que o faz, dispensando por isso o artigo.

No caso do possessivo preposicionado, o artigo marca, de facto, a definitude, uma vez que se, em lugar dele, estivesse um artigo indefinido ou nulo, o sintagma nominal teria interpretação indefinida.

Brito (1999b) observou esta diferença entre o PE e o PB e propôs que o PB tem dois sistemas com duas estruturas sintácticas diferentes: um sistema com uma estrutura plena, como em PE, em que DP selecciona PossP, e o possessivo adjectivo está em Spec, PossP; e outro sistema com uma estrutura defectiva, sem PossP, em que os possessivos são gerados em D (como em Francês e Inglês).

Não nos parece que haja argumentos fortes para postular duas estruturas diferentes, e, pelo contrário, encontramos algumas evidências para uma estrutura única, dando, no entanto, conta da diferença observada em PE e PB.

Por um lado, há perfeita equivalência semântica entre as duas variantes – tanto [meu] como [o meu] são portadores dos mesmos traços funcionais: [+Definido], [1Sg] (concordância com o possuidor) [M] [Sg] (concordância com o possuído); por outro, há adjacência estrita entre o artigo e o possessivo pré-nominal. Não é possível interpor qualquer elemento lexical entre o artigo definido e o possessivo, modificá-lo, por exemplo, com um advérbio, o que na estrutura proposta por Brito (1999b) seria possível.

(55) a. *o completamente meu jardim

b. *o já meu jardim

c. *o tão meu jardim

(56) a. um jardim completamente meu

b. um jardim já meu

c. um jardim tão meu

Zribi-Hertz (1998a, 1998b), usando o modelo de Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993), propôs uma análise unificada para as duas variantes dos possessivos do Francês *mon* e *le mien*. *Mon* ocorre sempre antecedendo um nome obrigatoriamente lexical num sintagma nominal definido e *le mien* ocorre só quando o nome é omitido.

(57) a. mon livre

b. *mon [e]

(58) a. le mien [e]

b. *le mien livre

Segundo esta autora, o traço [+Def], situado em D, atrai o traço de Pessoa, um seu correlato, e, então, dá-se uma de duas hipóteses: ou D se funde com o traço de Pessoa (como em *mon*), ou lhe fica adjacente (como em *le mienne*).

Visto que, tal como com *mon* e *le mien*, a diferença entre *meu* e *o-meu* em (*o meu livro*) parece ser unicamente de “spell-out”, esta análise pode ser adaptada ao Português e a este aspecto específico da diferença entre o PE e PB.

Poderíamos considerar ainda outra análise: quando D é lexical, D estaria em D e o possessivo em Spec, XP (categoria funcional, seja IP, PossP...); quando D é nulo, o possessivo subiria para D (movimento núcleo a núcleo) para lexicalizar D e não violar ECP (Empty Category Principle). No entanto, esta análise, tal como a de Brito (1999b), não pressupõe a adjacência entre o artigo definido e o possessivo PR; a configuração [D]_{XP}Spec[X] permitiria os exemplos de (57).

7. Conclusões

Apesar de, à primeira vista e pela indicação de vários estudos sobre o PE e o PB, parecerem ser numerosas as diversidades entre estas duas variedades do Português, no fim deste pequeno trabalho, pode concluir-se que, pelo menos relativamente aos aspectos estudados da sintaxe dos possessivos, tópico evidentemente não esgotado aqui, as diferenças são mínimas.

Assim, PE e PB revelam unidade: (i) na reestruturação do paradigma dos possessivos condicionada pela reestruturação do paradigma verbal, (ii) no uso de duas estratégias de possessivação nominal (possessivos simples e preposicionados), (iii) na distribuição dos possessivos simples PR e PO em definidos e indefinidos, (iv) na especialização da forma simples *seu(s)* e da forma preposicionada *dele(s)* relativamente aos sintagmas nominais antecedentes, e (v) nas restrições de correferência com o possessivo nulo ligado de uma posição pós-nominal com nomes relacionais.

O único ponto de diversidade que encontrámos diz respeito ao possessivo pré-nominal com artigo definido, obrigatório em PE e “opcional” em PB. Ainda assim, uma diversidade que parece não ser fundamental para considerar duas gramáticas diferentes.

Referências bibliográficas

- Abney, Steven (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação de Doutoramento, MIT.
- Brito, Ana Maria e Fátima Oliveira (1995) “Nominalization, Aspect and Argument Structure”. In *Interfaces in Linguistic Theory* Gabriela Matos; Matilde Miguel; Inês Duarte; Isabel Faria (eds.). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri.
- Brito, Ana Maria (1999a) “Concordância, Estrutura de Frase e Movimento do Verbo no Português Europeu, no Português Brasileiro e no Português de Moçambique”. In *Lindley Cintra; Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão* Isabel Hub Faria (org.). Lisboa: Edições Cosmos e F.L.U.L..
- Brito, Ana Maria (1999b) “Português Europeu/Português Brasileiro: algumas Diferenças Sintáticas”. In *(Pré)Publications* 168: 12-34.

- Borges Neto, José (1978) "Os Papéis do Possessivo no Sintagma Nominal". In *Estudos Lingüísticos: Anais de Seminários do GEL 2*: 62-69.
- Borges Neto, José (1986) "Os Possessivos como Indicadores de Referência e Atribuição". In *D.E.L.T.A. 2.1*: 145-149.
- Castro, Ana (1999) "O sistema dos possessivos em Francês e em Português". In *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (número especial em homenagem a Henriqueta Costa Campos) (no prelo).
- Castro, Ana (2000) "Os possessivos em Português Europeu e Português Brasileiro" – comunicação apresentada no Congresso "500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil" (8 a 13 de Maio, Évora).
- Cerqueira, Vicente C. (1993) "A Forma Genitiva "Dele" e a Categoria de Concordância (Agr) no Português Brasileiro" In *Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica* Ian Roberts; Mary A. Kato (eds.). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Cerqueira, Vicente C. (1996) *A Sintaxe do Possessivo no Português Brasileiro*. Dissertação de Doutorado, UNICAMP.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Haspelmath, Martin (1997) *Indefinite Pronouns*. Oxford: Clarendon Press.
- Longobardi, Giuseppe (1994) "Reference and Proper Names: a Theory of N-movement in Syntax and Logical Form". In *Linguistic Inquiry 25.4*: 609-665.
- Lyons, Christopher (1999) *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Menuzzi, Sérgio (2000) "First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: Chains and Constraint Interaction in Binding". In *Portuguese Syntax* João Costa (ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Müller, Ana (1997) *A Gramática das Formas Possessivas no Português do Brasil*. Dissertação de Doutorado, UNICAMP.
- Roberts, Ian; Mary A. Kato (eds.) (1993) *Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica* Campinas: Editora da UNICAMP.
- Spanoghe, Anne-Marie (1995) *La syntaxe de l'appartenance inaliénable en français, en espagnol et en portugais*. Frankfurtam Main: Peter Lang.
- Zribi-Hertz, Anne (1998a) "Les possessifs postnominiaux en anglais et en français". In *Cycnos 15.1*: 19-30.
- Zribi-Hertz, Anne (1998b) "Les syntagmes nominaux possessifs en français moderne: syntaxe et morphologie". In *La grammaire de la possession* Jacqueline Guéron; Anne Zribi-Hertz (eds.). Nanterre: Universidade de Paris X.